

**BELA, RECATADA E DO LAR:
SE NÃO OS SOU, AINDA SOU!
EXISTÊNCIA E RESISTÊNCIA
DAS MULHERES NO
CONTEXTO NEOLIBERAL**

*BEAUTIFUL, DEMECURE AND
HOMEMADE: IF I AM NOT THEM, I
STILL AM! EXISTENCE AND
RESISTANCE OF WOMEN IN THE
NEOLIBERAL CONTEXT*

*HERMOSA, DEMECURA Y CASERA:
¡SI NO SOY ELLAS, AÚN LO SOY!
EXISTENCIA Y RESISTENCIA DE
LAS MUJERES EN EL CONTEXTO
NEOLIBERAL*

Kamila Madureira da Silva
Universidade Federal da Grande
Dourados
kamila_agro@hotmail.com

Norma Oviedo
Universidad Nacional de Misiones
ovino77@gmail.com

Alexandre Bergamin Vieira
Universidade Federal da Grande
Dourados
alexandrevieira@ufgd.edu.br
Adalberto Vital dos Santos Júnior
Universidade Federal da Grande
Dourados
adalbertojunior@ufgd.edu.br

Resumo:

O artigo ora apresentado tem como objetivo realizar uma leitura crítica ao capitalismo atual sob a égide do Neoliberalismo Econômico, tendo como fundamento referencial a luta das mulheres, enquanto gênero, pela (re)existência. Pautando-nos numa metodologia de levantamento e análise bibliográfico, no trabalho de campo e consultas em bases de dados secundários, como sites e fontes jornalísticas a pesquisa revela que as relações de gênero, assumem uma nova roupagem, delineando estereótipos da mulher ideal, reforçando a submissão e opressão, reproduzindo a hegemonização da padronização dos corpos, amplamente divulgada pela mídia. O que nos leva a concluir que o Neoliberalismo, além de seu caráter capitalista, é também ideológico. Isso faz com que as mulheres vivam específicos e constantes processos de negação do eu; ódio aos seus próprios corpos e; a busca incessante por cirurgias plásticas, devido a perda da autoestima e da autonomia e, principalmente, da voz e da vontade coletiva de (re)existir, que se perde em meio a competitividade e a individualidade.

Palavras-chave: Mulheres, Neoliberalismo, (re)existência, auto-estima, estereótipo

Abstract:

The article presented here aims to carry out a critical reading of current capitalism under the aegis of Neoliberalism Economic, having as its referential foundation the struggle of women, as a gender, for (re)existence. Based on a methodology of bibliographical survey and analysis, in fieldwork and consultations in secondary databases, such as websites and journalistic sources, the research reveals that gender relations take on a new guise, outlining stereotypes of the ideal woman, reinforcing the submission and oppression, reproducing the hegemonization of the standardization of bodies, widely publicized by the media. Which leads us to conclude that Neoliberalism, in addition to its capitalist character, is also ideological. This causes women to experience specific and constant processes of self-denial; hatred of their own bodies and; the incessant search for plastic surgery, due to the loss of self-esteem and autonomy and, mainly, the voice and collective will to (re)exist, which is lost amidst competitiveness and individuality.

Keywords: Women, Neoliberalism, (re)existence, self-esteem, stereotype.

Resumen:

El artículo aquí presentado pretende realizar una lectura crítica del capitalismo actual bajo el apoyo del Neoliberalismo Económico, tomando como base referencial la lucha de las mujeres, como género, por su (re)existencia. Con base en una metodología de levantamiento y análisis bibliográfico, en trabajo de campo y consultas en bases de datos secundarias, como sitios web y fuentes periodísticas, la investigación revela que las relaciones de género toman una nueva cara, delineando estereotipos de la mujer ideal, reforzando el sometimiento y la opresión, reproducir la hegemonización de la estandarización de los cuerpos, ampliamente publicitada por los medios de comunicación. Lo que nos lleva a concluir que el Neoliberalismo, además de su carácter capitalista, también es ideológico. Esto provoca que las mujeres experimenten procesos específicos y constantes de abnegación; odio a sus propios cuerpos y; la búsqueda incesante de la cirugía plástica, por la pérdida de la autoestima y la autonomía y, principalmente, de la voz y voluntad colectiva de (re)existir, que se pierde en medio de la competitividad y la individualidad.

Palabras-clave: Mujeres, neoliberalismo, (re)existencia, autoestima, estereotipo

Introdução

O modelo econômico neoliberal tem alterado profundamente o sistema capitalista e o mundo, afetando sobremaneira as políticas, as sociedades (povos originários, comunidades de negros, grupos de crioulos, orientais, ocidentais, ricos e pobres), bem como as relações de gênero, através de um sistema normativo e hegemônico, impondo a lógica do dinheiro e da mercadoria a todas as relações dos indivíduos enquanto sujeitos sociais. O denominamos “gigante” devido sua capacidade de auto fortalecimento e reinvenção e, também, por seus “braços” alcançarem as mais diferentes e distintas porções do mundo, abrangendo diferentes culturas e sociedades, influenciando/transformando/esfacelando profundamente o espaço geográfico e, portanto, as práticas e as relações humanas.

Buscaremos neste trabalho realizar uma análise crítica ao Neoliberalismo Econômico, que traz consigo um emaranhado teórico e ontológico, abarcando além da esfera econômica, os contextos geográficos, sociais, políticos e culturais.

Desta forma cabe uma análise desse sistema econômico enquanto gigante, pois seus braços alcançam a todos, ou seja, este, assim como a fase liberal que o precedeu, não emerge e ocorre em escala local, porque surge na esfera global e, em simultâneo, seu impacto em diferentes escalas geográficas, regulando nossas práticas, pautadas na individualidade, competição acirrada, nos ataques a unidade da classe trabalhadora e na produção de uma nova subjetividade, a *racionalidade* neoliberal.

Para isso, dividimos o texto em três partes. Na primeira apontamos uma breve discussão sobre o neoliberalismo, e suas características nefastas.

Na segunda abordamos a mulher¹ (independente de qual sexo for, focaremos na questão de gênero e não de sexo biológico, em que escapamos do determinismo biológico, mas não da compulsão cultural que utiliza o sexo para padronização comportamental e o estabelecimento de normas) e o trabalho, tanto o trabalho social, quanto o trabalho doméstico, e como as desigualdades de gênero se fortalecem e assumem uma nova roupagem, acentuando condições de exploração, delineando estereótipos de mulher ideal, que reforça situações de submissão e opressão a partir da racionalidade neoliberal.

E, na terceira parte, elaboramos uma reflexão acerca da padronização dos corpos, reforçada e amplamente divulgada através da mídia, que possui um caráter ideológico, que movimenta muito dinheiro, faz com que as mulheres vivam constantemente processos de negação do eu, odiando aos seus próprios corpos, a busca incessante por cirurgias plásticas e/ou procedimentos estéticos, a perda da autoestima e o pior de tudo a perda da autonomia, da fala, e da vontade de lutar.

Neoliberalismo: o gigante manipulador

A atual fase do modo de produção capitalista, o neoliberalismo se assemelha a um gigante, abarcando a tudo e a todos, porém algumas parcelas da sociedade o sentem de forma mais cruel. A busca pelo capital atropela e esfacela o “humano”, fazendo com que o homem se torne parte do capital.

¹ Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino (Beauvoir, 1967).

O que hoje chamamos de crescimento é, na realidade de uma proliferação cancerígena e sem rumo. Vivemos atualmente um delírio de produção e de crescimento que se parece com um delírio de morte. Ele simula uma vitalidade que oculta a proximidade de uma catástrofe mortal. A produção se assemelha cada vez mais a uma destruição. É possível que a autoalienação da humanidade tenha atingido um grau que ela experimentará seu próprio aniquilamento como um gozo estético. (Han, 2021, p.07)

Consciência, solidariedade, empatia, igualdade, equidade e tantas outras palavras são trocadas pela busca desordenada por cifras, pelo consumismo, aniquilando existências, e em breve, se continuarmos neste mesmo caminho, a nossa própria.

O neoliberalismo é a *razão do capitalismo contemporâneo*, de um capitalismo desimpedido de suas referências arcaizantes e plenamente assumido como construção histórica e norma geral da vida. O neoliberalismo pode ser definido como o conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens, segundo o princípio universal da concorrência (Dardot e Laval, 2016, p.17).

Pensar em concorrência diante de uma sociedade com setores extremamente heterogêneos, como é o caso da realidade latino-americana, em geral, e brasileira, em particular, é inviável e deixa claro que segmentos serão dissolvidos e/ou colocados à mercê de políticas sociais, para a garantia de acesso mínimo a direitos fundamentais de sobrevivência, mitigando, talvez, as carências, mas, obviamente, não resolvendo problemas da desigualdade, já que esta é inerente à lógica neoliberal.

Esta “nova razão do mundo”, conforme Dardot e Laval (2016), é uma nova forma de governar, que não mais trabalha a questão disciplinar e punitiva, mas trabalha na questão da liberdade individual ou como a leitura de Foucault (2008), esta nova arte de governar “que tem por função, produzir, insuflar, ampliar as liberdades, inserir um “a mais” de liberdade por meio de um “a mais” de controle e de intervenção”, racionalizando, desta forma, a vida cultural, social e econômica, levando o indivíduo a ser o empreendedor de si mesmo.

É nisso que o governo requer liberdade como condição de possibilidade: governar não é governar *contra* a liberdade ou a *despeito* da liberdade, mas governar *pela* liberdade, isto é, agir ativamente no espaço da liberdade, dando aos indivíduos, para que estes venham a conformar-se por si mesmos a certas normas. (Dardot e Laval, 2016, p.19)

O ser humano passa por um processo de desconstrução e reconstrução. Ele renasce a partir da racionalidade neoliberal. Ele é agora parte inseparável do capital, auto investidor, empreendedor, gestor de si mesmo, e ao mesmo tempo, mais fácil de governar. Agora não mais pela dor, pela disciplina normativa, mas por um crescimento e desenvolvimento econômico sem fim. Agora o “gado caminha feliz, rumo ao matadouro”. A vítima aplaude de pé o seu algoz. O sacrifício se dá de bom grado. Em nome da liberdade, perdemos a liberdade.

A ideia de liberdade "degenera assim em mera defesa do livre empreendimento", que significa "a plenitude da liberdade para aqueles que não precisam de melhoria em sua renda, seu tempo livre e sua segurança, e um mero verniz de liberdade para o povo, que pode tentar em vão

usar seus direitos democráticos para proteger-se do poder dos que detêm a propriedade" [...] Perdem-se as boas liberdades e as más liberdades assumem o controle (Harvey, 2008, p.23).

A partir da análise da liberdade, da concorrência e competitividade e do indivíduo empresário de si mesmo, nos deparamos com outra característica destrutiva que o neoliberalismo possui: o individualismo e a negação do outro.

O fato da concorrência entre os homens, visto que, cada um se torna uma partícula individual do capital, aliado a desconsideração do social por parte da governabilidade neoliberal, as vulnerabilidades de outrem se tornam tolas e há o constante ataque a coletividade, pois, há a crença ridícula que o sucesso ou fracasso depende exclusivamente do eu, através do mito da “ascensão social” pelo esforço pessoal, culpabilizando o indivíduo pela sua vulnerabilidade social, pois não trabalhou o suficiente, não atendeu ao velho ditado “de que Deus ajuda quem cedo madruga”, justificando a ausência dos “benefícios sociais”, bem como as privatizações.

A ausência de Estado condiciona a livre concorrência no interior da classe trabalhadora, havendo a negação da universalização de direitos, onde as peculiaridades são representadas como conflitos de interesses. Porém, a realidade é o trabalhador empreendedor mobilizar-se para competir por ofertar a maior mais-valia aos donos dos meios de produção, ao invés de se reconhecerem como indivíduos e como classe. A racionalidade empreendedora impõe auto-exploração como mérito.

O neoliberalismo tem procurado converter-se em senso comum: o antiestatismo espontâneo do povo é reforçado pela ideia de um Estado causador da

crise; Estado que para proporcionar previdência social, cobra altos impostos; Estado que, para alimentar uma grande burocracia ineficiente e Estado que tem protegido exageradamente os trabalhadores sindicalizados (Toledo, 2002, p.81).

O que nos leva a pensar a ideia de Estado mínimo, seria mínimo em qual aspecto? Permitindo a liberdade necessária aos agentes econômicos, que segundo os neoliberais é a forma de garantir o desenvolvimento, bem como, renunciando a qualquer forma de atuação econômica direta por meio de empresas estatais, o que leva a privatização destas. Restando ao Estado apenas a garantia de serviços mínimos, porém estratégicos à classe social dominante e sobretudo exclusivos, tais como: policiamento, forças armadas, poderes executivo, legislativo e judiciário etc. O que deixa claro a resposta para nosso questionamento!

O Estado seria mínimo para a população, principalmente no que tange às políticas sociais, saúde, educação e saneamento, e “máximo” no que diz respeito ao suporte quando se refere ao processo de acumulação e do capital financeiro internacional.

Conforme Toledo (2002), a atual interface do modo de produção capitalista, o neoliberalismo combina perfeitamente ideologias conservadoras no plano cultural, acentuando valores tradicionais como pátria, família e autoridade. Além destes valores, é possível identificar outros pressupostos para racionalização das desigualdades sociais, ou seja, o racismo e o sexismo. Neste sentido, damos continuidade ao nosso trabalho buscando compreender como se dão as relações de gênero dentro do Estado neoliberal, algumas confluências da interface liberal do modo de produção capitalista e as consequências do neoliberalismo na vida das mulheres.

Exploração e divisão sexual do trabalho

Em geral, nas pesquisas históricas sobre famílias e populações na América Latina, as mulheres estão sempre envolvidas nos espaços domésticos e nos cuidados e tarefas domésticas, evidenciando uma dinâmica de intensa atividade e mobilidade urbana, além de um alto índice de mulheres chefes de família. É importante considerar esta situação que existiu ao longo dos séculos XIX e XX porque torna visível a presença da mulher em todos os níveis da vida social desde o lar, como provedora da família - houvesse ou não presença masculina nela. Portanto, a contribuição feminina é valiosa para que os homens possam realizar com sucesso o seu trabalho nas diversas áreas socioculturais.

Iniciaremos nossa reflexão sobre como o modo de produção capitalista negligencia a existência da mulher, passando por aspectos da exploração sexual do trabalho e chegando à própria divisão sexual do “sonhar”, do lúdico.

Diante de tantas referências acerca da divisão sexual do trabalho, optou-se por tratar deste tema à luz das contribuições de Ângela Davis, fazendo um breve resgate deste fator social como componente nas articulações do modo de produção capitalista, ainda na fase do liberalismo.

Entende-se que a divisão sexual do trabalho é um aspecto dos desdobramentos no transcurso da mão-de-obra escrava rural para a constituição de um proletariado fabril, fato ocorrido no exemplo estadunidense do final do século XIX. Davis (2016) enfatiza, portanto, a transição do tempo - espaço trabalho escravo rural feminino para um contexto urbano-industrial e um crescente

contingente de vulneráveis operárias sub-remuneradas e exploradas de forma contundente.

É possível considerar, em fragmentos, os componentes históricos da exploração de mão-de-obra escrava, onde as mulheres somavam à sua condição de unidade produtiva também o caráter de objeto de posse, forçadamente alijada da soberania do próprio corpo, submetida ao ideal de supremacia dos donos dos meios de produção.

A violação contra o corpo da mulher escrava, por todas as vias de abuso, teve o intuito de agredir, intimidar, aterrorizar e determinar seu lugar.

Se elas conseguissem perceber a própria força, o forte desejo de resistir, os violentos abusos sexuais - é o que os proprietários devem ter raciocinado - fariam com que elas se lembrassem de sua essencial e inalterável condição de fêmeas” (Davis, 2016, p.37).

Na perspectiva da periferia do sistema capitalista, o modelo de produção nos seus processos de transição campo-cidade respondeu a favor da ideologia da classe dominante local e dos países centrais. Tornou-se conveniente a ocorrência de um tipo de racionalidade com primazia sobre o lucro, operando em economias de dependência e arcaicas. Portanto, a força motriz produtora baseada em mão-de-obra escrava e o espaço de produção desde então foram cooptados e transfigurados para uma perspectiva de mercado global.

Em tempos de industrialização, na vida de mulheres escravizadas e das cativas “dona-do-lar” prevaleceram as representações e as ideologias mais apropriadas à sustentação do modo de produção. Frente a isso, é necessário lembrar o quanto organizaram-se atos de rebeldia, ações de fuga, contestações

políticas que demarcam, limites, soberania, territórios, lutas e protagonismo partindo do olhar feminino. O modelo escravagista do século XIX e seus utensílios, chicotes e correntes usados para coagir e dominar umas, tornaram-se metáforas e metonímias no lugar doméstico destinado às outras.

O alicerçamento do modo de produção capitalista seguiu, mesmo que diante dos desdobramentos do feminismo, nas lutas por direitos, em predominância dos interesses da burguesia.

Conforme Davis (2016), é fato a ocorrência de um discurso de segregação racista dentro de alguns setores do movimento feminista estadunidense, do final do século XIX, como no exemplo do National American Woman Suffrage Association. Naquele tempo mais valeu, na essência de racionalidade capitalista, a garantia de desigualdades concomitantes aos avanços da classe burguesa, para já no início do século XX consolidar-se a comunhão do racismo e do sexismo em um só tempo-espaço.

O equivocado feminismo a serviço de um único recorte da luta social, o direito das mulheres ao voto (Argentina, 1947; Brasil, 1932), acarretou um potencial risco de contestação alheia à luta de classes. Aquilo que deveria ser pautado como peculiaridades e diferenças internas à classe trabalhadora passa a ser tratado como contradições de interesses. Logo, pode-se propor que a segmentação da classe trabalhadora seja inorgânica ou artificial na medida que é alheia à exploração imposta pelo capitalismo, negando a luta de classes e a organização dos trabalhadores.

Este modo fragmentador que o capitalismo induz à classe trabalhadora é fator constitutivo de espaços dos assédios. Trata-se do favorecimento ao modo de exploração dos corpos femininos, fazendo-os vulneráveis, de desdobramentos nos primórdios do

período escravagista e sempre com objetivo de constranger, aterrorizar e dominar.

A existência generalizada do assédio sexual no trabalho nunca foi um grande segredo. De fato, é precisamente no trabalho que as mulheres - em especial quando não estão organizadas em sindicatos - são mais vulneráveis. Por já terem estabelecido a dominação econômica sobre suas subordinadas do sexo feminino, empregadores, gerentes e supervisores podem tentar reafirmar sua autoridade em termos sexuais. O fato que as mulheres da classe trabalhadora são mais intensamente exploradas do que os homens contribuem para sua vulnerabilidade ao abuso sexual, enquanto a coerção sexual reforça, ao mesmo tempo, sua vulnerabilidade à exploração econômica (Davis, 2016, p. 201).

Em busca de emprego e manutenção dele, as trabalhadoras mobilizam-se condicionadas para lograr alternativas ao universo de papéis sociais e direitos negados. A mão-de-obra feminina adentra ao espaço industrial, suas atribuições giram em torno da produção de mercadorias, produzem no viés de troca (e não de uso), em larga escala. Neste mesmo contexto, Davis (2016) refere que o paradigma capitalista do lucro valoriza estritamente o trabalho social e, mais ainda, nega reconhecimento às jornadas e atribuições domésticas.

À medida que o capitalismo industrial se aproximava de sua consolidação, a clivagem entre a nova esfera econômica e a velha economia familiar se tornava mais rigorosa. A realocação física da produção econômica provocada pela expansão do sistema fabril foi, sem dúvida, uma transformação drástica. Contudo, ainda mais radical foi a revalorização generalizada da produção necessária ao novo sistema econômico. Enquanto os bens produzidos em casa tinham valor principalmente porque satisfaziam as necessidades básicas da família, a importância

das mercadorias produzidas em fábricas residia predominantemente em seu valor de troca - em seu poder de satisfazer as demandas por lucro dos empregadores. Essa revalorização da produção econômica revelou, para além da separação física entre casa e fábrica, uma fundamental separação *estrutural* entre a economia familiar doméstica e a economia voltada ao lucro do capitalismo. Como as tarefas domésticas não geram lucro, o trabalho doméstico foi naturalmente definido como uma forma inferior de trabalho, em comparação com a atividade assalariada capitalista (Davis, 2016, p. 230).

O trabalho da historiadora feminista Silvia Federici, *“El Calibán y la bruja. Mujeres, cuerpo y acumulación originaria”* (2010) é uma referência analítica e teórica para este tipo de pesquisa. Seu recorte temporal são os séculos XVI y XVII, sobre *“La caza de Brujas”*, acontecimentos que marcaram os rumos dos processos sócio-históricos com o desenvolvimento de um novo modelo econômico, político e social que foi o capitalismo. É justamente quando o corpo da mulher é absorvido, encapsulado e disciplinado, que foi uma consequência do que se chama *“Caza de Brujas”*, que coloca em relação permanente o surgimento do capitalismo, o descobrimento da América, a perseguição e caça às mulheres.

O objetivo era a construção de uma nova ordem patriarcal, que tornasse as mulheres servas da força de trabalho masculino, o que para Federici (2010) é de fundamental importância para o desenvolvimento do capitalismo. A partir da degradação social a que foram submetidas ao longo dos séculos XVI e XVII, as mulheres perderam espaço e todas as esferas do mundo social. Por exemplo, desvalorizadas como trabalhadoras, privadas de toda autonomia em relação aos homens, tivemos como resultado, o surgimento de um novo modelo de feminilidade: a mulher e esposa ideal, casta,

passiva, obediente, econômica, de poucas palavras e sempre ocupada com as tarefas e afazeres domésticos (Federici 2010).

Desde criança aprendemos que o menino pode ser bombeiro, policial, motorista de caminhão, criar gado em suas fazendinhas, ser médico, veterinário, dentista, mágico, cantor e apresentador de programas de televisão, podem ser representantes de Deus sendo padres. E, ah, não vamos nos esquecer: podem ser heróis também!! E salvar todo o universo com suas capas, escudos e espadas.

Então, nos frágeis papéis das “princesas dos contos de fadas, historicamente representadas por mulheres magérrimas, loiras, altas e de olhos azuis. Figuras, estas que, em sua maioria, não nos representam e que estão inertes em suas torres e castelos, esperando pelo príncipe encantado do cavalo branco, que vem para nos libertar desta vida monótona.

Podemos comprovar tal afirmação quando numa simples e rápida busca no Google®, digitando “brinquedos para meninas” e “brinquedos para meninos” (figuras 1 e 2 a seguir) ou a busca de “princesas de contos de fadas”. O que encontramos repetem o que observamos ao realizar em uma atividade prática, por exemplo, indo até uma loja de brinquedos (figuras 4 e 5), encontramos divisões por gênero, em que o brincar passa a ter gênero definido, e o lúdico, passa a ter regras – “seção de brinquedos de meninos” e “seção de brinquedos de meninas”. Nesta última, encontramos bonecas com as mesmas características do parágrafo anterior, bonecas do sexo feminino, brancas, louras e olhos claros, raramente uma boneca negra e nunca uma boneca indígena (quando se encontra, são estereotipadas).

A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas

que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história. (Adichie, 2009, p. 14).

Enfatiza a autora acima citada, “É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna”, este fato é afirmado quando observamos as reproduções dos brinquedos em todas as lojas, (re)criando histórias únicas, que criam linhas de produção de seres humanos idênticos, sem identidade própria, cunhados a partir do massacre das culturas e tradições de seu próprio povo, que é inferiorizado, e despojado sutilmente de sua identidade.

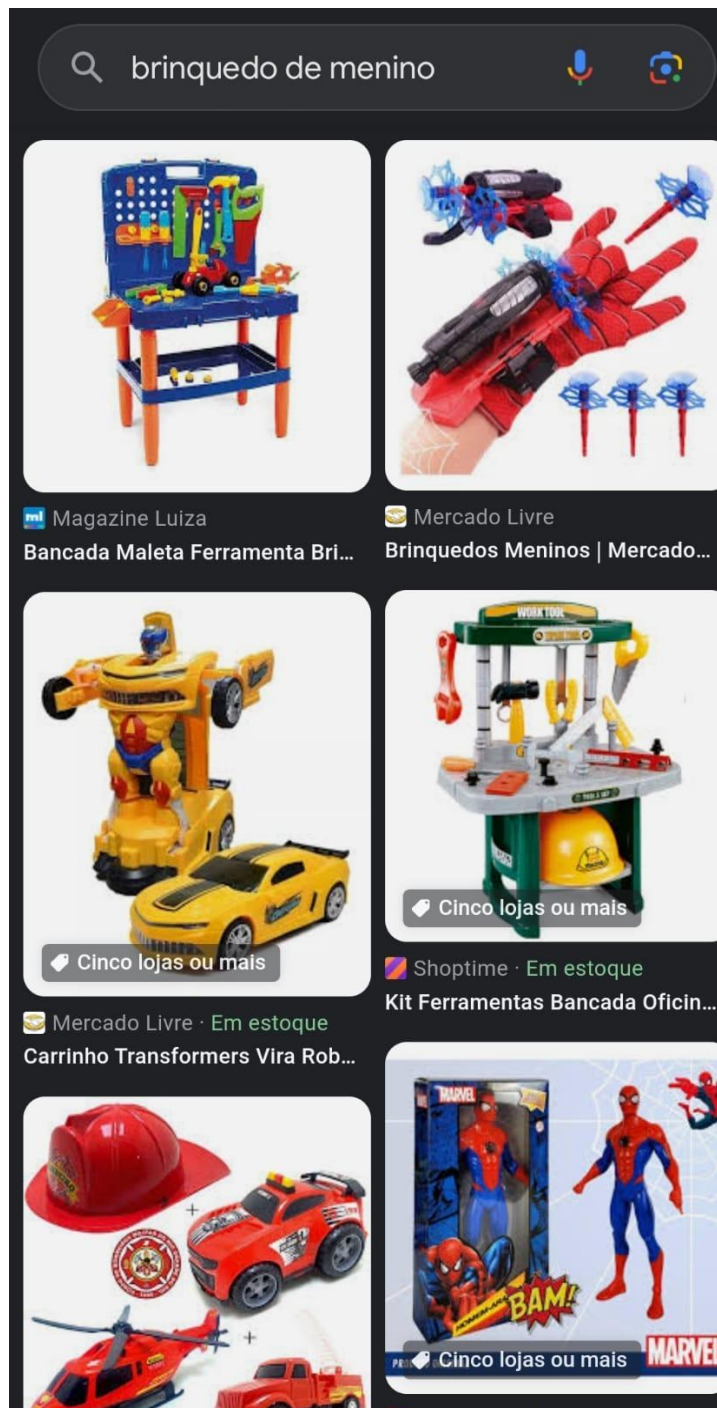
A população brasileira pode ser representada em sua maioria por pessoas com estas características? As mulheres brasileiras são princesas? Não são! Nem pretendemos ser, pois podemos ser o que quisermos, a qualquer tempo, espaço, sem limites e estereótipos. Não há necessidade de príncipes para nos resgatar. Desceremos da torre sozinhas, com a resistência que nos acompanha desde a ancestralidade, esta que é negra, indígena, crioula e mulher!

Figura 1 – Brinquedos de Meninas



Fonte: www.google.com, 2024

Figura 2 – Brinquedos de Meninos



Fonte: www.google.com, 2024

Figura 3 – prateleira de brinquedos para meninas



Fonte: Trabalho de Campo. Autores (2023).

Figura 4– prateleira de brinquedos para meninos



Fonte: Trabalho de Campo. Autores (2023).

Por qual razão esta divisão entre brinquedos e brincares? Se todos são crianças? Obviamente porque há algo subjetivo nesta “brincadeira de mal gosto”?

Quando tornamos consciente a diferença na rotina imposta pela construção da divisão do trabalho entre homens e mulheres, entendemos a luta pelo fim das divisões dos brinquedos e brincares entre meninas e meninos. Por que um menino não pode brincar de boneca (e por que não existem bonecos?) se eles terão filhos? Por que a cozinha é um brinquedo que só é presenteado a meninas? Meninos não comem? Segundo dados da OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico) mesmo em países desenvolvidos as mulheres gastam quase o dobro do tempo que os homens em serviços domésticos e trabalho não remunerado. A jornada diária de trabalho é similar: homens trabalham oito horas em média e mulheres sete horas e quarenta e cinco minutos. A diferença é que desse conjunto de horas, os primeiros trabalham duas horas e vinte e um minutos sem remuneração, e as mulheres quatro horas e trinta. Ainda que a diferença de acesso às profissões esteja sendo reduzida, o abismo existente com relação ao trabalho não remunerado não acompanha esta tendência. No Brasil, segundo dados do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) essa diferença é ainda maior: as mulheres brasileiras gastam em média, 26,6 horas semanais com trabalho doméstico, enquanto os homens dedicam apenas 10,5 horas (D’Ávila, 2019, p. 102).

Ainda, antes de adentrarmos ao mercado de trabalho, na adolescência, quem são os responsáveis pelas tarefas domésticas? Obviamente, as meninas. Isto faz com que tenham menos tempo de dedicação aos estudos em relação aos meninos. Não podendo nos esquecer, ainda, o quanto as relações de gênero, são interligadas com relações de classe, raça e etnia, mas para não focarmos em situações específicas, devido às limitações deste trabalho,

consideramos que existem peculiaridade, não somos todos iguais (experiências de mulheres negras e brancas, mulheres de classe média e proletárias, heterossexuais e homossexuais), mas temos causas que nos unem, somos a classe trabalhadora e como nos diz D'Ávila (2019), em seu livro intitulado “Por que lutamos?”.

A precarização das condições de vida da mulher tem fundamento no trabalho doméstico, nos empregos com baixas remunerações, e na tripla jornada que ganha invisibilidade, ou melhor, é reconhecida somente em sua parcela remunerada. Ou seja, há restrita recompensa e reconhecimento às atividades que produzem valor de troca. Aquelas atribuições dedicadas aos filhos e aos afazeres domésticos, mesmo que tratem de valor de uso favorável ao modo de produção capitalista, não são valorizadas. Pelo contrário, quando a vida da mulher é restrita às atividades domésticas acarreta submissão, opressão, negação da sua emancipação.

Dentro da racionalidade capitalista a maternidade é limitante à autonomia das mulheres, visto que os cuidados e a gestão da vida doméstica passam a ser tarefa imposta quase que exclusivamente às mulheres. Torna-se mais agravante no contexto neoliberal de Estado mínimo em que ausência de creches e escolas dificultam sobremaneira este processo. Também cabe ressaltar, ainda, que as mulheres ao decidirem não abandonar suas carreiras profissionais e/ou acadêmicas, para dedicar-se exclusivamente à família, ao lar, ao marido e aos filhos, sofrem julgamentos ao não alcançarem o ideal estereotipado, ou seja, a idealizada Amélia da canção de Ataulfo Alves e Mário Lago (1942), reproduzida por vários cantores da MPB:

Nunca vi fazer tanta exigência

Nem fazer o que você me faz
Você não sabe o que é consciência
Não vê que eu sou um pobre rapaz

Você só pensa em luxo e riqueza
Tudo o que você vê, você quer
Ai, meu Deus, que saudade da Amélia
Aquilo sim é que era mulher

Às vezes passava fome ao meu lado
E achava bonito não ter o que comer
Quando me via contrariado
Dizia: Meu filho, o que se há de fazer!
Amélia não tinha a menor vaidade
Amélia é que era mulher de verdade
(Alves e Lago, Ai que saudade da Amélia, 1942)

Quando há a inserção das mulheres no mercado de trabalho é possível alguma superação das opressões e submissões as quais estão condicionadas. Todavia, quando não possuem a própria renda estão em condições desfavoráveis à aquisição das competências e dos recursos necessários ao exercício da autonomia.

Tome minha boca pra que eu só fale
Aquilo que eu deveria dizer
A caneta, a folha, o lápis
Agora que eu comecei a escrever
Que eu nunca me cale
O jogo só vale quando todas as partes puderem
jogar
Sou mulher, sou preta, essa é minha treta
Me deram um palco e eu vou cantar
Canto pela tia que é silenciada
Dizem que só a pia é seu lugar
Pela mina que é de quebrada
Que é violentada e não pode estudar
Canto pela preta objetificada
Gostosa, sarada, que tem que sambar
Dona de casa limpa, lava e passa
Mas fora do lar não pode trabalhar
A dona de casa limpa, lava e passa
A dona de casa
Não precisa ser Amélia pra ser de verdade
Você tem a liberdade pra ser quem você quiser

Seja preta, indígena, trans, nordestina
Não se nasce feminina, torna-se mulher
E não precisa ser Amélia pra ser de verdade
Cê tem a liberdade pra ser quem você quiser
Menos preta, indígena
Não se apropria
Quer ser preta dia a dia
Pra polícia cê num é
(Ferreira, Não precisa ser Amélia, 2019)

Já é tarde, tudo está certo
Cada coisa posta em seu lugar
Filho dorme, ela arruma o uniforme
Tudo pronto pra quando despertar
O ensejo a fez tão prendada
Ela foi educada pra cuidar e servir
De costume, esquecia-se dela
Sempre a última a sair
Disfarça e segue em frente, todo dia, até cansar
(uhu!)
E eis que de repente ela resolve então mudar
Vira a mesa, assume o jogo, faz questão de se
cuidar (uhu!)
Nem serva, nem objeto, já não quer ser o outro,
hoje ela é um também
A despeito de tanto mestrado
Ganha menos que o namorado e não entende o
porquê
Tem talento de equilibrista
Ela é muita, se você quer saber
Hoje aos 30 é melhor que aos 18
Nem Balzac poderia prever
Depois do lar, do trabalho e dos filhos
Ainda vai pra night ferver
Disfarça e segue em frente, todo dia, até cansar
(uhu!)
E eis que de repente ela resolve então mudar
Vira a mesa, assume o jogo, faz questão de se
cuidar (uhu!)
Nem serva, nem objeto, já não quer ser o outro,
hoje ela é um também
Uhu, uhu, uhu, uhu
Uhu, uhu, uhu
Disfarça e segue em frente
Disfarça e segue em frente, todo dia, até cansar
(uhu!)
E eis que de repente ela resolve então mudar

Vira a mesa, assume o jogo, faz questão de se cuidar (uhu!)
Nem serva, nem objeto, já não quer ser o outro, hoje ela é um também (uhu!)
(Leone e Mendonça, Desconstruindo Amélia, 2009)

A maternidade não é leve, linda como nos contos de fadas, mas dura na realidade, quando tudo pesa nas costas da mãe. Ao pai cabem poucas “obrigações” e várias fotos nas redes sociais, mas nunca, absolutamente nunca, se canse, pois quem cansa não é boa mãe. Quem divide não é boa mãe. E aquela que surta também não é.

E atualmente nos deparamos com uma outra questão, os corpos das mulheres mães, que ainda no puerpério, são cobradas pelo corpo que “não volta ao normal”, os seios “caídos pela amamentação”, as estrias e a cicatriz da cesariana, a flacidez vaginal após o parto natural, a mídia mostrando as famosas com a realidade desleal competindo com a mamãe normal, que é comparada e apontada em todo tempo.

A indústria da beleza, aposta em procedimentos como aponta o Dr. Nelson Piccolo em entrevista para o globo, que, atualmente, onde atua, há uma alta procura pelo Mommy MakeOver, procedimento realizado 6 meses após a amamentação, que se resume na realização de 3 cirurgias diferentes, em um mesmo ato cirúrgico (cirurgia na mama, abdominoplastia e lipoaspiração). “O procedimento tem o objetivo de reconstruir o formato do corpo.

Nesta toada maldita, seguimos com corpos cada vez mais perfeitos, e mentes cada vez mais atordoadas.

Beleza, opressão e o Mito da Beleza

Elucidados pelo Mito da Beleza de Naomi Wolf (1992), buscamos fazer uma análise de como o neoliberalismo utiliza de meios cada vez mais triviais, cruéis, pesadas e rígidas para aprisionar as mulheres e invalidar todas as grandes conquistas ao longo da história.

Conforme nos aponta Miguel e Biroli (2014), as formas de coerção social, antes ativadas pela valorização da maternidade, da castidade e da passividade agora, prescrevem comportamentos por meio de um ideal da “beleza”, conforme afirma Wolf (1992) p.12:

Cresceram em ritmo acelerado os distúrbios relacionados à alimentação, e a cirurgia plástica de natureza estética veio a se tornar uma das maiores especialidades médicas. Nos últimos cinco anos, as despesas com o consumo duplicaram, a pornografia se tornou o gênero de maior expressão, à frente dos discos e filmes convencionais somados.

A busca pelo corpo perfeito, implica sofrimento, baixa autoestima e pode trazer efeitos concretos na saúde das mulheres. Basta pensar nas cirurgias plásticas, dietas mirabolantes, a busca incessante pela “fonte da juventude”, sendo estimulada e amplamente reforçada pelos meios de comunicação e publicidade, que são dispositivos para a reprodução ampla destes padrões, fortalecendo ideais e estereótipos.

Podemos dizer que hoje sofremos a opressão da ditadura da beleza, que movimenta muito dinheiro, de acordo com a Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética (Isaps, na sigla em inglês), em 2022, o país ocupou o segundo lugar neste ranking, atrás apenas dos Estados Unidos.

Já em 2024 somam-se 2 milhões de procedimentos cirúrgicos , sendo os Estados Unidos e o Brasil os maiores números de cirurgias plásticas de todo o globo.

A cirurgias mais procuradas atualmente em seu consultório são as de contorno corporal (ESTÉTICA), como lipoaspiração e abdominoplastia, e as cirurgias de mama nas mulheres.

Feministas, inspiradas por Friedan, destruíram o monopólio dos anunciantes de produtos para o lar na imprensa popular feminina. De imediato, as indústrias da dieta e dos cosméticos passaram a ser os novos censores culturais do espaço intelectual das mulheres. Em consequência das suas pressões, a modelo jovem e esquelética tomou o lugar da feliz dona-de-casa como parâmetro da feminilidade bem-sucedida (Wolf, 1992 p. 14).

Qual seria o objetivo atualizado da opressão sobre os corpos femininos? Vivenciamos isto claramente em nosso dia a dia, quando não colocamos o biquíni na piscina, ou o shortinho, aquele vestidinho colado, quando cobrimos a barriga com a bolsa quando nos sentamos no restaurante, quando ficamos de mal com o espelho, quando nos envergonhamos em ir para a academia, sonhamos em fazer algum procedimento, para poder nos encaixar aos padrões de beleza.

O mito da beleza não tem absolutamente nada a ver com as mulheres. Ele diz respeito às instituições masculinas e ao poder institucional dos homens. As qualidades que um determinado período considera belas nas mulheres são apenas símbolos do comportamento feminino que aquele período julga ser desejável. O mito da beleza na realidade sempre determina o comportamento, não a aparência. A juventude e (até recentemente) a virgindade foram "bonitas" nas mulheres por representarem a ignorância sexual e a falta de

experiência. O envelhecimento na mulher é "feio" porque as mulheres adquirem poder com o passar do tempo e porque os elos entre as gerações de mulheres devem sempre ser rompidos. As mulheres mais velhas temem as jovens, as jovens temem as velhas, e o mito da beleza mutila o curso da vida de todas (Wolf 1992 p. 17).

Sendo fundamental a reflexão, quantos homens fazem o mesmo? Qual homem se envergonha de exibir sua "barriguinha de cerveja?". Isto vale para a velhice, para os pelos, para os cabelos, para as unhas. O corpo feminino segue como objeto de debate em todos os momentos, nossos corpos sempre são objetificados e através da quebra de nossa autoestima, perdemos a voz, nos escondemos, ou estamos enlouquecidas atrás da perfeição e esquecemos tudo o que realmente importa. O modelo de controle com base na racionalidade neoliberal não requer apenas mecanismos externos de coerção, é necessário anotar a internalização de mecanismos para autovigilância, auto exploração e autopunição, e não, isto não está relacionado a corpos...

Então, pensar o feminismo se faz deveras necessário neste cenário de obscuridade que estamos imersos:

O Feminismo é mais que elucidação, crítica e luta. É também a conquista do direito de ser quem se é. Uma conquista comemorada a cada dia por quem se sente comprometido, em sua vida, com aqueles que não-puderam-ser-aquilo-que-poderiam-ter-sido em função de preconceito de gênero e sexualidade, de raça e de classe. É o feminismo que alerta para as formas de sujeição inscrita no gênero e sexualidade. Pensar o que chamamos de gênero e pensar também a sexualidade como mecanismo de opressão (Tiburi, 2019, p. 73).

Foi por meio dele que alcançamos a emancipação feminina, e é por meio dele que devemos buscar o desmonte das relações

opressivas do neoliberalismo, o feminismo traz voz a pessoas oprimidas, coagidas e humilhadas, dando poder de fala as vozes silenciadas (Tiburi, 2019).

Quem te ensinou a odiar seu cabelo, seu nariz, a cor da sua pele? Quem te ensinou a odiar a sua imagem ou aparência? Ou, mais especificamente, quem acabou com a sua possibilidade de amar a si mesmo a partir daquilo que pode ser visto? (Malcom X, S/D).

Nesta entrevista Malcolm Little, mais conhecido como Malcolm X, fala sobre o ódio pelo próprio corpo, neste caso especificamente em relação ao preconceito de raça, mas muito pertinente quando se trata da padronização dos corpos, da padronização da beleza.

No universo feminino, entre todas as mulheres que conhecemos, seria raro encontrar alguma que esteja feliz com seu corpo, cabelos, pele e que não sonhe em mudar algo, para se sentir “melhor”, porém isto é uma corrida, que não tem fim, pois a indústria da beleza está constantemente mudando padrões, fato que pode ser observado historicamente, porém esta realidade nunca foi tão aterrorizante, quanto é agora, enquanto estamos enfraquecidas pelo mito da beleza, não conseguimos ser livres para lutas coletivas.

Considerações Finais

O neoliberalismo se apresenta além das barreiras de um Projeto político e econômico, pautado no que tange ao mercado, em competitividade e eficiência. A liberdade tão amplamente defendida

pelos detentores do capital econômico, e para os detentores unicamente da força de trabalho, mostra a sua face sombria e aniquiladora de direitos, pelo ataque às políticas sociais e aumento das desigualdades.

A atual fase do capitalismo, ou interface neoliberal é possuidora de uma ideologia tão aterrorizante que aniquila não apenas corpos, mas aliena e faz com que a servidão ao sistema seja “por livre e espontânea vontade”, simulando uma falsa sensação de liberdade e livre arbítrio, pautados na ilusão da meritocracia.

Dentro da racionalidade neoliberal o sucesso e o fracasso, o prazer e o sofrimento são pautados pelo discurso de empreendedorismo, de concorrência e autoexploração. A identidade social neoliberal compreende tudo o que nega a existência da classe trabalhadora, são apenas empreendedores e consumidores.

Quando nos voltamos para analisar a situação das mulheres, nos deparamos com um leque de desigualdades, além de vulnerabilidades que favorecem maior exploração, trata-se dos menores salários no mercado de trabalho, da invisibilidade do trabalho doméstico, da exclusiva obrigação na criação dos filhos, sem mencionar a “manutenção” da força-de-trabalho masculina.

Apesar das mazelas, a questão do trabalho social e a tarefa dos cientistas sociais em conjunto é importante no que tange a busca por autonomia, e a libertação de situações de opressão e submissão, e/ou até mesmo violência física, psicológica, material ou sexual, quando estão totalmente dependentes financeiramente do marido.

Devemos pensar no feminismo enquanto coletividade, em perspectiva antagônica ao neoliberalismo, afirmando, por exemplo, o debate acerca da não exclusividade feminina para atividades

domésticas e cuidados com os filhos, isto desde a primeira infância, fato fundamental para a emancipação das mulheres e para as lutas da classe trabalhadora.

Referências bibliográficas

- ADICHIE, Chimamanda N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das letras. 2009
- ALVES, Ataulfo e LAGO, Mário. **Ai, que saudades da Amélia**, 1942. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/ataulfo-alves/165620/>. acesso em jul.2023
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: A experiência vivida*. Vol. 2. Rio de Janeiro, Nova Fronteira. 1967.
- DARDOT, Pierre & LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. Tradução: Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo. 1ª. edição. 2016.
- D'ÁVILA, Manuela. **Por que lutamos? Um livro sobre amor e liberdade**. São Paulo: Planeta do Brasil. 2019. 160p.
- DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo. 2016.
- FEDERICI, Silvia (2010). **El Calibán y La Bruja. Mujeres, cuerpo y acumulación originaria**. Madrid, Ed.Traficantes de Sueños.
- FERREIRA, Bia. **Não precisa ser Amélia**. 2019. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/bia-ferreira/nao-precisa-seramelia>. Acesso em jul.2023
- FOUCAULT, Michel. **O nascimento da biopolítica**. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes: 2008.
- HAN, B. **Capitalismo e impulso de morte: ensaios e entrevistas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.
- HARVEY, David. **Neoliberalismo: história e implicações**. São Paulo: Edições Loyola. 2008
- ISAPS. International Society of Aesthetic Plastic Surger. Global Survey on Aesthetic/Cosmetic Procedures. 2024. Disponível em <https://www.isaps.org/discover/about-isaps/global-statistics/reports-and-press-releases/global-survey-2022-full-report-and-press-releases/> Acesso em jun.2024.
- LEONE, Priscilla Novaes (Pitty) e MENDONÇA, Martin. **Desconstruindo Amélia**. 2009. Disponível: <https://www.lettras.mus.br/pitty/1524312/> . Acesso em jul.2023

MALCOM X. **Quem te ensinou?** Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=TIEJJVEaRGk> . Acesso em jul. 2023.

MIGUEL, Luis Felipe e BIROLI, Flávia. **Feminismo e política: uma introdução**. São Paulo: Boitempo, 2014.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 12^a. Ed. 2019.

TOLEDO, Enrique de la Garza. In LAURELL, Asa (org.). **Estado e políticas sociais no neoliberalismo**. São Paulo: Cortez, 1995.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Tradução: Waldea Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco. 1992.

Submetido em: 16 de abril de 2024

Devolvido para revisão em: 30 de maio de 2024

Aprovado em: 15 de junho de 2024

DOI: https://doi.org/10.62516/terra_livre.2024.3486

Como citar:

MADUREIRA DA SILVA, K.; OVIEDO, N.; BERGAMIN VIEIRA, A.; VITAL DOS SANTOS JÚNIOR, A. BELA, RECATADA E DO LAR: SE NÃO OS SOU, AINDA SOU! EXISTÊNCIA E RESISTÊNCIA DAS MULHERES NO CONTEXTO NEOLIBERAL. **Terra Livre**, São Paulo, ano 39, v.1, n.62, jan.-jun. 2024, p. 286-315. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/3486>. Acesso em: dia/mês/ano.